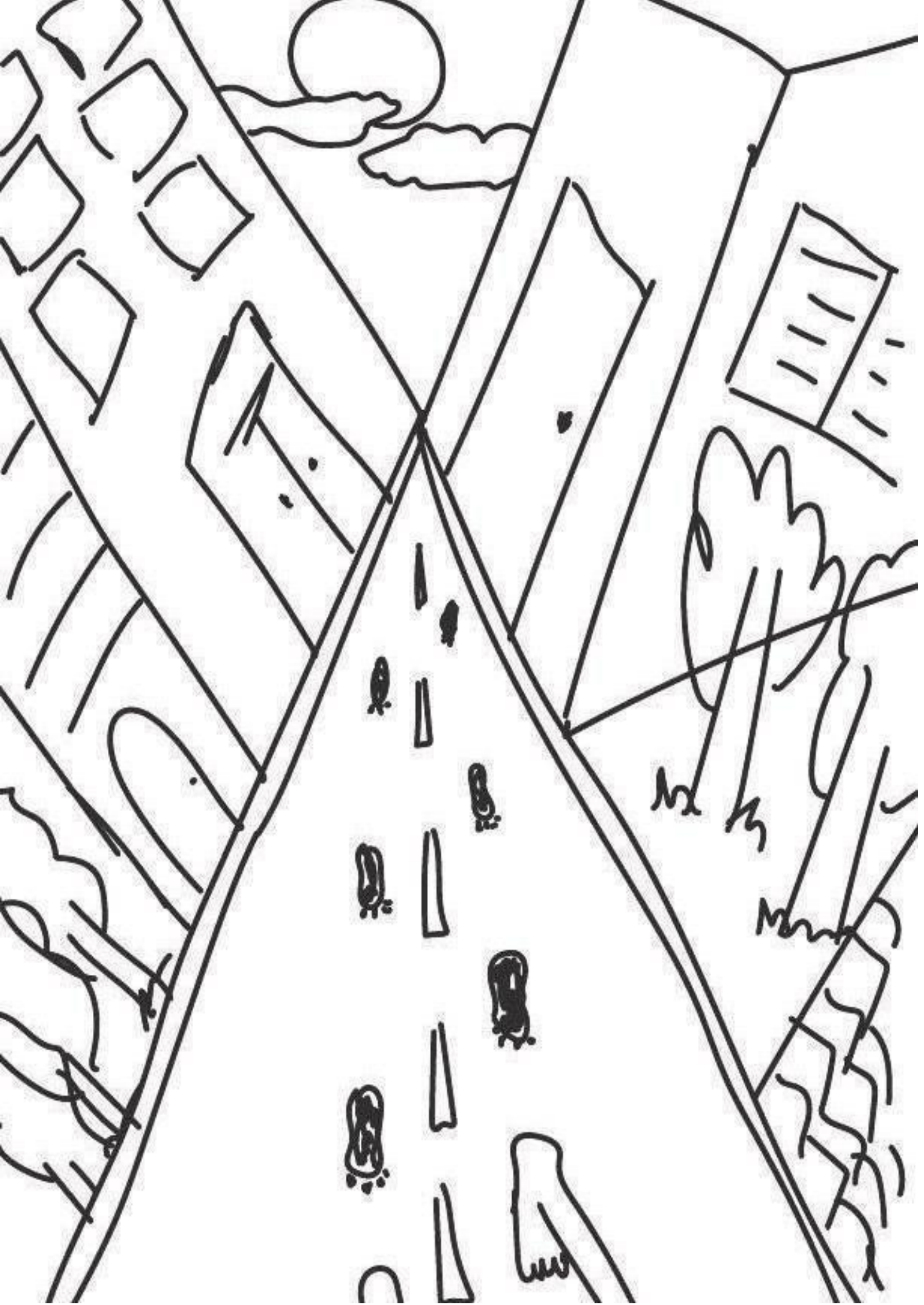
UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO TURISMO E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES CÊNICAS
CURSO DE BACHARELADO EM TEATRO

MIKAELLE DA COSTA SILVA

ANDAR_ILHAR:
caminhada como prática artística compositiva na cidade de João Pessoa – PB

João Pessoa – PB
2021



MIKAELLE DA COSTA SILVA

ANDAR_ILHAR:
caminhada como prática artística compositiva na cidade de João Pessoa - PB

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Artes Cênicas (DAC) como requisito integral à obtenção de Bacharelado em Teatro da Universidade Federal da Paraíba – UFPB.

Orientadora: Profa. Ma. Candice Didonet

Catalogação na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S586a Silva, Mikaelle da Costa.
Andar Ilhar: caminhada como prática artística compositiva na cidade de João Pessoa - PB / Mikaelle da Costa Silva. - João Pessoa, 2022.
63 f. : il.

orientação: Candice Didonet.
TCC (Graduação) - UFPB/CCTA.

1. Teatro - TCC. 2. Caminhar - Prática artística - João Pessoa, PB. 3. Arte e Cidade. 4. Arte teatral - Composição. I. Didonet, Candice. II. Título.

UFPB/CCTA CDU 792(043.2)

Elaborado por Susiquine R. Silva - CRB-15/653

MIKAELLE DA COSTA SILVA

ANDAR_ILHAR:caminhada como prática artística compositiva na cidade de João Pessoa - PB

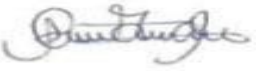
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao curso de Bacharelado em Teatro do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Teatro.

Aprovado em: 13 de Julho de 2021.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ma. Candice Didonet (Orientadora) Universidade Federal da Paraíba

Me. Iale Luiz Moraes Camboim
Universidade Federal da Bahia (Doutorando PPG-AU/FAUFBA)



Profa. Dra. Marcia Felix da Silva Cortez Universidade Federal do Agreste de Pernambuco
Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profa. Dra. Líria de Araújo Morais Universidade Federal da ParaíbA

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Mãe Natureza e a Deus Pai que se manifestam de tantas formas dentro e fora de mim, ensinando-me a ser vida-morte-vida e minha própria divindade sagrada.

À Jurema Santa Sagrada, por me sustentar e iluminar os meus passos de retomada ao que sempre foi meu e o que sempre esteve comigo.

À espiritualidade do povo da rua, do povo Cigano, dos Caboclos, dos Boiadeiros e dos Pretos e Pretas Velhas, que me curam, me protegem e me ensinam a buscar fé, a perseverar e seguir meus caminhos com alegria, coragem e determinação, soprando aos meus ouvidos o que preciso saber.

A minha ancestralidade que me trouxe até aqui e aqui me torna árvore frondosa a semear o bem e o bom, em especial a minhas avós Iraci e Erundina e aos meus avôs Zé Lulu e Antônio.

A minha Mãe Hilda e meu pai Miguel, que sempre me deram tudo para eu ser feliz, forte e saudável, em especial à mainha que me é fonte sagrada, que é minha base, meu tronco, minha maior sustentação e que me ensina a ser coletiva e multiplicadora do bem.

Aos amigos e amigas que me ajudaram a seguir em frente, que me são ilhas, oásis e inspiração. Em especial: tia Sílvia, Ana Moraes, Laiz de Oyá, Mari Miguel, Kípa Sussurarua, Mara Monte, Katê Tigre, Hugo Lucena, Priscilla Cler, Arejo Frescura, Monique Maritan, Gi Nascimento, Jofran Di Carvalho, Li Vasc, Amanda Passarinha, Márcia Felix, Luarna Relva, Du Ribas, Dani Baldissera, Petrônio, Jéssica Mogliano, Iale Camboim, Mylla Maggi, Fabiana Vital, Jaime Neto, Ricelly Sousa, Kelner Macedo, Ian Lima, Nina Flor, Bruno Alves, Geibson Emanuel, Joevan Oliveira (em memória), Tempo e Lu Portela.

À Déborah Paiva, pela sua paciência, amor, acolhimento e dedicação, por me encorajar e transformar os meus dias e por me lembrar sempre da minha força e do meu poder.

À Amanda Auto por ilustrar a poética de Andar_Ilhar de forma tão sensível.

Aos grupos Literânima e Radar 1, por serem casa-caminho e potencializarem as minhas buscas, os meus encontros, o poder da minha Arte.

Aos e às professoras dos cursos de Dança e Teatro da UFPB, em especial à Bárbara, Carolina, Líria, Valéria, Lúcia e Everaldo, por me acolherem, respeitarem e enaltecerem a minha forma de mover e de fazer Arte.

À Candice Didonet, por ser amiga-irmã-pareia-orientadora-musa-inspiração-guia nessa vida e confiar no que sou e no que faço com tanta leveza e poesia, especialmente nessa parceria de me orientar a um caminho de voo.

E por fim, agradeço a todas às pessoas que encontrei andar_ilhando e me inspiraram olhar a cidade como lugar de encontro e aprendizado.

Salve o Povo da rua! Laroyê Exu!
Laroyê Sr. Tranca Ruas! Mojubá Pombagira!
Mojubá Pombagira Cigana!

RESUMO

Este trabalho intitulado “Andar_Ilhar: caminhada como prática artística compositiva na cidade de João Pessoa – PB”, trata do compartilhamento de uma pesquisa artística que vem se desenvolvendo desde 2016. Tal investigação trata de uma prática de caminhada que tem como pontos relevantes a composição situada e o diálogo com a cidade, os quais neste trabalho serão mais aprofundados a partir de um estudo teórico. Ao compreender a prática de Andar_Ilhar como procedimento artístico que se faz em processo de caminhada e imersão pela cidade, faz-se necessário compreender como tem se dado esse processo desde que a pesquisa vem se desenvolvendo, bem como expor os principais entendimentos que nortearam os estudos científicos da pesquisa. Em busca de um diálogo sensível enquanto criação artística, entende-se Andar_Ilhar como procedimento errático de travessia que busca no encontro com a cidade, novas corporalidades e relações afetivas com os indivíduos. Com isso, vê-se nesse modo de proceder, possibilidades de refletir sobre a criação artística e ao mesmo tempo sobre o contexto da cidade, que inspiram a continuidade dessa pesquisa a partir de novos encontros e de novas perspectivas.

Palavras-chave: composição; caminhada; procedimento artístico.

RESUMEN

Este trabajo titulado “Andar_Ilhar: el caminar como práctica artística compositiva en la ciudad de João Pessoa – PB”, trata de compartir una investigación artística que se desarrolla desde 2016. Tal investigación se trata de una práctica del caminar que tiene como puntos relevantes la composición situada y el diálogo con la ciudad, que en este trabajo, se profundizará a partir de un estudio teórico. Al entender la practica de Andar_Ilhar como un procedimiento artístico que tiene lugar en el proceso de caminada e inmersión por la ciudad, es necesario comprender cómo ha tenido lugar este proceso, desde que se desarrolla la investigación, así como exponer las principales comprensiones que guiaron los estudios científicos de la misma. En busca de un diálogo sensible al tiempo que la creación artística, Andar_Ilhar se entiende como un procedimiento errático de travesía que busca en el encuentro con la ciudad, nuevas corporalidades y relaciones afectivas con los individuos. Así, vemos en esta forma de proceder, posibilidades de reflexión sobre la creación artística y al mismo tiempo sobre el contexto de la ciudad, que inspiran la continuidad de esta investigación desde nuevos encuentros y nuevas perspectivas.

Palabras-clave: composición; caminada; procedimiento artístico.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – GRUPO CACTUS (INTERVENÇÃO DE RUA) 22
Figura 2 – GRUPO ARRUAÇÃO (EXPERIMENTO URBANO) 23
Figura 3 – LUAU QUATRO ESTAÇÕES (HOMENAGEM A GONZAGA DE GARANHUNS COM PARTICIPAÇÃO DO GRUPO LITERÂNIMA).....24
Figura 4 – MEGAFONIZANDO POESIA(AÇÃO DO GRUPO LITERÂNIMA).....24
Figura 5 – CULTO A BACO (ENCONTROS NA UFPB) 25
Figura 6 – PERFORMANCE SOLO (PERFORMANCE NAS RUÍNAS DO ANTIGO CONVENTO, PARA O PROJETO "NASCE(DOR)") 26
Figura 7 – PERFORMANCE SOLO (PROJETO "NASCE(DOR)") .....
Figura 8 – CIU (PERFORMANCE FESTIVAL DE INVERNO DO CASTELO BRANCO) 27
Figura 9 – EXPERIMENTO DE AULA (EXPERIMENTO EM UM PRÉDIO ABANDONADO DA UFPB).....29
Figura 10 – INTERVENÇÕES ARTÍSTICAS (INTERVEÇÕES NO TREM DE JOÃO PESSOA À CABEDELO DURANTE UMA AULA DE CAMPO).....29
Figura 11 – EXPERIMENTOS RADAR 1 (COMPOSIÇÕES SITUADAS NO CENTRO HISTÓRICO E NA COMUNIDADE PORTO DO CAPIM) 31
Figura 12 – RESIDÊNCIA ARTÍSTICA (GRUPO RADAR 1 NA PRAIA DE TABATINGA) 31
Figura 13 – EXPERIMENTO RADAR 1 (EXPERIMENTANDO COMPOSIÇÕES SITUADAS NOS ESPAÇOS DA CIDADE) 32
Figura 14 – "CAÍDES" (PERFORMANCE REALIZADA NO CENTRO HISTÓRICO, FRUTO DA RESIDÊNCIA ARTÍSTICA "RUA PARA FUGAS HABITADAS" COM O GRUPO RADAR 1 E A ARTISTA ELKE SIEDLER) 33
Figura 15 – RESIDÊNCIA ARTÍSTICA (GRUPO RADAR 1 NO NÚCLEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA) 33
Figura 16 – "VENDO OS VENTOS PARA MOSTRAR A PELE" (ESPETÁCULO PERFORMATIVO REALIZADO NO CASARÃO DO NÚCLEO DE ARTE CONTEMPORÂNEA) 34
Figura 17 – ANDAR_ILHAGEM (PESQUISA PELO BAIRRO CASTELO BRANCO).. 47
Figura 18 – ANDAR_ILHAGEM (DURANTE A OFICINA "ERRAR NO LIMIAR: EXPLORAÇÃO POR ENTRE AS ÁGUAS DE PARAYBA") 48
Figura 19 – ANDAR_ILHAGEM (EM MANIFESTAÇÃO CONTRA O IMPEACHMENT)

.....49
Figura 20 – ANDAR_ILHAGEM (PESQUISA PELO BAIRRO CASTELO BRANCO, BR 230 E AVENIDA D. PEDRO II) 50
Figura 21 – ANDAR_ILHAGEM (PESQUISA NA ENTRADA DO CENTRO DE COMUNICAÇÃO, TURISMO E ARTES DA UFPB) 51
Figura 22 – ANDAR_ILHAGEM (PESQUISA PELA AVENIDA D. PEDRO II).....52
Figura 23 – ANDAR_ILHAGEM(PESQUISA PELO PROJETO DE INICIAÇÃO À PESQUISA (PIBIC), "RASTROS NA\DA PAISAGEM URBANA", PELA COMUNIDADE SÃO RAFAEL E NA PASSARELA DA AV. D. PEDRO II) ...
.....53
Figura 24 – "OBSERVATÓRIO PARA A GRANDEZAS DAS COISAS DO ÍNFIMO", (APRESENTAÇÃO DE PERFORMANCE COMO FINALIZAÇÃO DO PIBIC).....54
Figura 25 – ANDAR_ILHAGEM (PESQUISA PELA COMUNIDADE SANTA CLARA, BR 230 E AVENIDA BEIRA RIO). 55

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO… 10
1. 1 PRIMEIRO PASSO: ANDAR: ENCRUZILHADAS E ATRAVESSAMENTO 14
1.2 ENCRUZILHADAS ATRAVESSADA 14
1.3 GUIANÇAS ENCRUZILHADAS 16
2 SEGUNDO PASSO: ILHAR: PAUSA 31
2.1 REFLETIR OS PASSOS, OS CAMINHOS E OS ENCONTROS. 31
2. 2 AFETAÇÕES ERRANTES 33
3 TERCEIRO PASSO: ANDAR_ILHAR: UM MODO DEPROCEDER 38
3.1 PROCEDIMENTO EM ANDAR_ILHAGEM. 38
3.2 RASTROS ANDARILHOS. 41
3.3 RASTROS DOS RASTROS 53
4 CONCLUSÃO (CAMINHOS) 55
REFERÊNCIAS … 58

1 INTRODUÇÃO

Licença para chegar com o que se tem. Cada palavra aqui colocada é uma tentativa de fazer pontes, de propor um entre, porque as linhas que se seguem são caminhos de sentido possíveis para atravessar um instante recém descoberto. “Andar_Ilhar: caminhada como prática artística compositiva na cidade de João Pessoa – PB” é um nome que não define nada em especial, é apenas uma pausa em uma breve-longa caminhada de uma buscadora, para entender o que se tem e o que se sabe sobre as descobertas dos caminhos percorridos até aqui.

Talvez essa estranha vontade de caminhar, sair por aí sem rumo, tenha a ver com o desejo de se encontrar. Talvez seja cedo demais para dizer que foi encontrado algum tipo de resposta para o que se estava sendo procurado. Talvez leve a vida inteira para achar tais razões. Talvez, o talvez continue presente por mais algum tempo e talvez essa natureza incerta seja, de fato, o impulso de continuar. É quase um manifesto: vamos sair por aí e nos encontrar?! O desejo de saber mais e continuar trilhando caminhos e não se contentar com a fixação do corpo em um único formato ou espaço é a fonte que transborda pelo caminho e deságua em muitos lugares.

Andar e Ilhar tem sido desde então uma tentativa de (re)ver o mundo sensibilizado e transformado. Ver com todos os olhos, até onde não se tem olhos. Ver e fazer com o que vê, algum tipo de aproximação. Não para se comparar e nem se sobressair, mas para apreender a ser outros e outras. Todo esse manifesto pelas subjetividades que atravessaram os primeiros instantes é o que tem norteado uma pesquisa artística, a qual será (re)inscrita ou (re)contada durante este trabalho. Na verdade, a construção desse compartilhamento é ainda o percurso acontecendo, pois, amparada por um embasamento teórico que tem surgido somente agora durante a escrita, a construção dos pensamentos sobre o próprio fazer artístico é uma retomada dos rastros que vêm se perpetuando e se transformando desde o começo. Serão compartilhadas experiências, que ao longo de cinco anos, tem sido uma pesquisa artística prática, dedicada de fato ao fazer, à criação de performances urbanas nos espaços da cidade.

A ideia de Andar_Ilhar é uma continuação de muitos processos vivenciados, que a princípio não estão atrelados a nenhum conceito ou estudo específico, pois o interesse devivenciar um processo criativo no espaço da cidade, parte da necessidade de readaptação do contexto urbano e do desejo de fazer um tipo de arte que se relacione e dialogue com o meio. O próprio termo Andar_Ilhar surgiu em meio aos estudos, como tentativa de organizar os pensamentos e repensar sobre o modo de (com)(por). Justamente por ser uma forma de proceder, Andar_Ilhar está muito mais para um procedimento do que para um método e isso implica que,

qualquer corpo está apto a realizá-lo.

Concebida e realizada entre os espaços da cidade, o procedimento de andar_ilhagem surge quando o corpo em busca de novas corporalidades se faz a partir da implicação no contexto urbano, realizando diariamente ações e relações com o que e quem surge nos caminhos. Pela caminhada, tem sido possível descobrir como esses encontros podem gerar afetações e estas por sua vez, também se transformam em mais afetações, ou seja, a ideia de (com)(por) com a cidade implica um movimento mútuo de afetações. O próprio contexto da cidade é o mote dessas composições, desde o espaço físico aos modos como cada indivíduo se relaciona com e entre os contextos. A ideia de afetação nesse sentido, tem a ver com as possibilidades de diálogo e aproximações com o contexto urbano, realçando principalmente o que diz respeito a própria cidade e a sua dinâmica de envolver as pessoas.

Ao se aprofundar cada vez mais nesse ambiente urbano, tem-se percebido que a busca por criar, está totalmente atravessada pelos assuntos e temas que dizem desse encontro com a cidade. Logo, pode-se dizer que ao decorrer do trabalho alguns assuntos serão abordados concomitantemente como uma espécie de encruzilhada que dá possibilidades de caminhos. Por essa natureza, tem sido um tanto desafiador adentrar em tantos assuntos e saber escolher dentro da condição de um trabalho artístico, o que é mais importante destacar, quando na verdade o próprio contexto por si só, já é um mar de informações. Como procedimento compositivo, há uma poética inspirada na intuição e em estados corporais que dizem respeito a novas experiências de vida e modos de praticar a alteridade.

Entre os principais assuntos que percorrem esse caminho andarilho, os estudos que serão tratados neste trabalho falam de: encontro, corporalidade, composição, afetação e urbanidade. É importante reforçar que esses assuntos estão colocados sob um ponto de vista que ainda se constrói, portanto, nada está finalizado e nem fechado para novas perspectivas. A costura que se faz nessa escrita é a continuação do próprio processo de Andar_Ilhar que segue se firmando com uma pesquisa artística-acadêmica. Ao longo do trabalho, será possível entender quando as investigações foram se tornando uma pesquisa fora e dentro da universidade. Na verdade, o diálogo entre arte e academia é uma questão instável porque a pesquisa não surge nos espaços acadêmicos, porém é dentro da universidade que ela se ampara de outros estudos e inspirações. Enquanto trabalho científico, portanto, as palavras aqui são uma extensão do que já vem sendo feito e isso implica dizer que, Andar_Ilhar se torna uma narrativa, porém nômade, porque segue-se em caminhada em busca de novas abordagens.

Para melhor compreender o contexto que apresenta o Andar_Ilhar como prática artística para (com) (por) relações sensíveis, o trabalho foi dividido em três passos. Cada passo representa

a organização cronológica que o próprio processo vem acontecendo. Os estudos teóricos mais relevantes que embasam a compreensão dessa prática como procedimento, serão dispostas entre esses passos à medida que as discussões forem surgindo. Entre as discussões, serão abordadas os seguintes estudos como referenciais teóricos: os artigos “Presença e afeto na experiência do encontro na arte: quando não se pode prever seus efeitos” (2016), da autora Milene Duenha; “A performance como (r)evolução dos afetos” (2013), da autora Tânia Alice; “Caminhar como prática do não-saber: uma reflexão sobre des-com-passos cotidianos” (2019), dos autores Marília Ennes e Moacir Romani Jr.; “O caminhar como prática artística de intervir no espaço urbano” (2009), do autor Marcos Martins; “Presença que não se faz só: potências de afeto no ato de com-por entre corpos” (2017), das autoras Milene Lopes Duenha e Sandra Meyer Nunes; as obras “Cenários Limiares: teatralidade, performance e política” (2011), da autora Ilene Diéguez Caballero; “Elogio aos errantes” (2012), da autora Paola Berenstein Jacques; “Corpocidade: debates, ações e articulações” (2010), das autoras Paola Berenstein Jacques e Fabiana Dultra Britto; a dissertação “Dançar [com] a cidade: mapeamentos sensíveis da experiência urbana contemporânea” (2017), do autor Iale Camboim e a tese “Corpomapa: o dançarino e o lugar na composição situada” (2015), da autora Líria Morais.

No primeiro passo, **Andar**, é quando os caminhos se abrem pela caminhada. A fim de se aproximar e conhecer mais a cidade, as relações de afetividade chegam como potência criativa que possibilita diálogos sensíveis. Enquanto modo de ocupação da cidade, vê-se na caminhada uma oportunidade de encontros, que tanto aproximam do contexto urbano como de um modo de proceder próprio. Nesse sentido, entre atravessamentos do contexto urbano e o desejo de vivenciar uma prática artística, eis que surge um modo de (com)(por): Andar_Ilhar. Um procedimento artístico que busca se relacionar e dialogar com a cidade. Ointeresse pela composição nos espaços urbanos se torna mais latente com a chegada na cidade de João Pessoa, no entanto, os caminhos antes percorridos, denunciam que o interesse pela arte de rua sempre foram interesse. Nesse primeiro passo, portanto, também serão reveladas as principais influências que impulsionaram o procedimento de Andar_Ilhar ter se tornado uma pesquisa artística-acadêmica.

No segundo passo, **Ilhar**, testemunha-se um modo de proceder esteticamente sensibilizado pelas impressões, sensações e intuições para com as realidades da cidade que se apresentam no corpo, instaurando novas corporalidades. A ideia de Ilhar no procedimento de Andar_Ilhar é a de instaurar a pausa e a reflexão sobre o que surge no encontro com a cidade, tanto no próprio corpo em afetação, como também ao se perceber o que acontece no contexto da cidade. Os assuntos que surgem nesse período de ilhamento, anunciam uma prática artística

interessada em relações de afeto como potência criativa, bem como a busca por uma poética do sensível, inspirada no ser andarilho. Nessa perspectiva, esse ser é quem inspira o movimento da alteridade e do rompimento do enrijecimento da cidade, por meio de novas práticas de uso e relação com a urbanidade.

Ainda nesse segundo passo, entende-se que Andar_Ilhar é uma possibilidade de encontro que tem despertado o interesse por uma linguagem híbrida e acessível, que facilite o diálogo e a relação com as pessoas presentes. Assim, vê-se na performance, uma oportunidade de praticar a cidade por novas perspectivas afetivas, instaurando novas percepções de sentido. Além disso, pensa-se na performance como possibilidade de convite aos indivíduos presentes nos instantes dos encontros, a participarem da criação como criadores que também potencializam à transformação desses novos estados de presença. Nesse sentido, o ato de Andar_Ilhar é entendido como movimento de desautomatização, aproximação e transformação dentro de uma prática de composição situada, utilizando-se da linguagem da performance e inspirada principalmente nos estudos de "errância", "corpografia urbana" e "corpomapa".

E por fim, no último passo **Andar_Ilhar**, será exposto a lógica da andar_ilhagem como procedimento artístico que vem se construindo como prática concomitante de relação e criação. Nesse proceder, entende-se que é preciso exercitar a autonomia de criar a partir do despertar, logo, qualquer indivíduo pode proceder em andar_ilhagem exercitando suas autonomias criativas. Algumas andar_ilhagens serão colocadas em forma de registros, com suas respectivas descrições para que se possa pensar nesses rastros, como marcas queindica uma forma de se entender as recorrências das criações. Cada acontecimento é uma demonstração do que vem a ser esse proceder, revelando estados de presença distintos, onde a criação é sempre uma oportunidade de diálogo microrevolucionário.

Cada passo dado em andar_ilhagem vem se construindo enquanto movimento e osentendimentos também seguem esse fluxo processual. Pode-se dizer que nesse instante, os caminhos se abrem para além de um modo de ver e há nesse percurso um desejo de continuar sendo muitas outras coisas. As reflexões trazidas são para gerar novas perguntas e os entendimentos seguirem se encruzilhando e reverberando em ações e novas práticas de criação.

Que os caminhos adiante inspirem outros caminhos de revolução.

1. 1 PRIMEIRO PASSO: ANDAR: ENCRUZILHADAS E ATRAVESSAMENTO

> Ele era um andarilho. Ele tinha um olhar cheio de sol de águas de árvores de aves. Ao passar pela Aldeia, Ele sempre me pareceu a liberdade em trapos. O silêncio honrava a sua vida. (Barros, 2013, p. 413)

Os primeiros passos do que hoje se nomeia como Andar_Ilhar começam a partir dos primeiros anos de residência na cidade de João Pessoa – PB. A mudança de uma cidade pequena para uma cidade grande despertou um interesse pela criação artística situada nesse novo contexto, a partir de uma ideia de criar diálogos sensíveis e vivenciar encontros transformadores.

A caminhada foi o primeiro passo. Conhecer a cidade a partir da experiência de caminhar, possibilitou as primeiras experiências de afetações. O corpo, enquanto caminha e mergulha na cidade, recebe a todo instante informações e estímulos, percebendo-se numa relação de encontro com uma diversidade de potências criativas que desperta em si próprio e em outros corpos, reflexões e transformações:

> [...] potência intensiva, assim como o traz Deleuze (2009), capaz de provocar transformações nos corpos, e esse processo poderia ocorrer tanto por meio de uma articulação de significados prévios, quanto pela emergência de sentidos outros, que nem sempre estariam vinculados a uma ideia de entendimento, de compreensão por uma consciência vígil, daquilo que se estaria vivenciando (Duenha, 2016, p. 166)

A caminhada no processo de Andar_Ilhar tem sido um convite à criação, à medida que as afetações acontecem, surgem mais possibilidades de composição. Nesse sentido também, **ocupar** a cidade tem sido uma experiência de encontros com o inesperado, logo, uma oportunidade de vivenciar múltiplas (inter) relações e se manter em constante atualização do repertório corporal. A caminhada é uma possibilidade de localização, de aproximação e de diálogo com os espaços e seus respectivos contexto.

1.2 ENCRUZILHADAS ATRAVESSADA

Não havia grandes pretensões artísticas no início, apenas o desejo de estar cada vez mais dentro da cidade e perto da realidade atual. Dessa despretensão, naturalmente iniciou-se uma busca por encontros atravessantes, que pudessem impulsionar um processo criativo, que (co)relacionasse o ‘eu’ diante do mundo e o mundo dentro do ‘eu’. Ao reconhecer a cidade como um organismo vivo, repleto de acontecimentos e interações, as encruzilhadas se tornam escolhas e possibilidade de encontro, de aproximação e de criação. Mas ao caminhar pela cidade

(cidade-país, cidade-região, cidade-continente, cidade-planeta, cidade-ser humano, cidade-natureza), como propor interações de aproximação entre os corpos e o espaço, de modo criativo?

> Esses elementos conferem certa singularidade ao ato do encontro na arte que se alimenta na relação com o outro e, diante dessa perspectiva relacional, uma noção de presença impositiva, inabalável, vai diluindo-se em favor de uma presença- convite, exigente de uma escuta apurada, de um corpo poroso, de dados deausência, para que se abra espaço à potencialização dos afetos entre os corpos presentes na proposição artística[3]. (Duenha; Nunes, 2017, p.100).

A ideia de (com)(por) junto, investindo em diálogos sensíveis, tem despertado o interesse pela transformação e (re)invenção de (novos) caminhos de sentido, tanto no contexto artístico quanto no contexto da cidade. Perceber(-se). Perceber o mundo para construir outros modos de ser e estar. Construir repertórios sobre si-no-mundo e sobre o mundo-em-si, afetando e sendo afetada, afetade, afetado. É um exercício de compreensão do que se sente e do reconhecimento do tempo em que se vive. Reconhecer as ínfimas grandezas disfarçadas ao desbravar os territórios, sendo corpo-ambiente em fluxo. Inspirar-se dos encontros com o desconhecido e agir, fazer atos de alteridade, mesmo que efemeramente, com a intenção de promover também outros encontros entre: corpo & corpo e corpo & espaço.

A prática de caminhar e criar diálogos sensíveis, desperta. E o despertar é a primeira ação que possibilitou o refinamento das relações entre corpo e espaço, onde este corpo se torna poroso por ser afetado das informações que recebe, também se torna um "intermediador de relações" (Camboim, 2017, p. 59), bem como um ressignificador de lugares. Como caminhante, não se sabe o que irá encontrar, por isso é preciso refinar a escuta e se permitir sair do modo cotidiano para o modo sensível, no sentido de se permitir experiências que provoquem os sentidos. E à medida que isso acontece, as proposições artísticas tendem aacontecer organicamente, seja mesmo durante a caminhada ou nas pausas (ilhas) entre uma caminhada e outra.

> Esse corpo sem agenda, que se reencontra a cada passo e que encontra pequenos desconhecidos, exercita, certamente, o espaço do não-saber de modo bastante direto. Ou seja, caminhar sem rumo é (re)experienciar trajetos já realizados e se colocar a ouvir e espreitar outros detalhes. Mais além, é uma tentativa de esvaziamento de pretensos saberes, um exercício socrático, um "sei que nada sei" ao movimento dos passos menos cotidiano. (Ennes Júnior, 2019, p. 171).

Pensando nessas relações de atravessamentos que vêm surgindo ao longo da pesquisa, é interessante notificar que os rastros dessa investigação vão determinando os passos da caminhada, a ponto de ser possível reconhecer uma configuração que diz sobre um modo de proceder. Entende-se portanto, que Andar_Ilhar não é um conceito e nem um método, é um

procedimento artístico que explora as possibilidades de relação e diálogo.

Toda essa tentativa de nomear algumas práticas artísticas realizadas nos espaços da cidade, aparece hoje como uma organização dos pensamentos sobre o que vem sendo realizado desde dois mil e dezesseis. Quando tudo começou, quando as movências surgiram, não havia muita noção para onde os caminhos levariam e também não se tinha grandes pretensões. As descobertas partiam sempre dos “agoras”, dos instantes em que se davam as experiências e o experimentar bastava. O despertar como pesquisa foi resultado dos encontros entre, e com outros e outras artistas e indivíduos.

E cada assunto encruzilhado é resultado dos encontros e das influências da cidade, bem como de outros indivíduos e de algumas experiências co-criativas. Os caminhos até aqui, vêm de um trajeto bem longo, que começa muito antes da chegada em João Pessoa. E para entender o fluxo do que hoje se percebe como um procedimento artístico, é importante mencionar as influências que vieram antes e impulsionaram esse interesse pela arte de rua, de aproximação, de ocupação e de ressignificação dos espaços da cidade. Essas influências são o que se pode entender aqui nesse contexto como **guianças encruzilhadas**, as quais inspiram esse modo de fazer e pensar a arte de Andar_Ilhar.

1.3 GUIANÇAS ENCRUZILHADAS

Fazer arte na rua sempre foi uma possibilidade e um interesse desde sempre, mesmo antes da chegada em João Pessoa. Por isso, acredita-se na importância de considerar o trajeto desse percurso ao entender a andar_ilhagem como resultado de muitos encontros, os quais reverberam ainda nos interesses atuais. Por ordem de encontros, serão revividas as principais influências, que cronologicamente vêm atravessando os caminhos até este exato momento.

O ponto de partida começa em dois mil e sete, na cidade de Angelim - PE, quando se inicia o grupo Cactus, um grupo de jovens artistas amadores que experimentavam a composição cênica nos espaços da cidade. Não havia ‘lugares de se fazer arte’, então ocupavam-se espaços quaisquer e ao mesmo tempo, essa dificuldade possibilitava os encontros com a criação em meio a vida cotidiana. O Cactus foi um grupo que existiu por dois anos e nesse tempo, foram criadas performances, recitações poéticas, algumas práticas circenses e também a escrita dramatúrgica, em sua maioria em espaços ocupados na cidade como: praças, frentes de igreja, mercado de grãos, feiras, quadra, salas de aula, garagens, calçadas, escadarias. O fazer teatral era algo mais latente e de canto em canto, atravessava-se as barreiras territoriais e ocupava-se cada vez mais outros espaços, até das outras cidades vizinhas.

Figura 1 - Grupo Cactus

Fonte: Arquivo pessoal. Intervenção de rua

Fonte: Arquivo Pessoal.

Em dois mil e nove, ainda mais dentro dos estudos da arte de rua, iniciava-se em Garanhuns - PE, o grupo de teatro, Arruação. Pesquisava-se teorias e experimentava-se criações a partir da observação dos indivíduos na cidade e também dos estudos do Teatro do Oprimido (TO) de Augusto Boal. Entre os trabalhos desenvolvidos, os de maior destaque foram os experimentos urbanos onde o grupo se colocava em situação de vulnerabilidade na cidade, a fim de entender a reação dos indivíduos perante os encontros como corpos fragilizados e em situação de abandono social. A partir dessas experimentações e de como elas nos afetavam, fazia-se estudos de criação de cena e de personagens, tendo sempre como referência as experiências de cada artista.

Figura 2 - Grupo Arruação

Fonte: Arquivo pessoal.
Intervenção de rua

Ainda em dois mil e nove, como graduanda de Letras da Universidade Federal do Agreste de Pernambuco (UFAPE), localizada na cidade Garanhuns - PE, alguns estudantes da primeira turma de Licenciatura em Letras juntamente com professor Nilson de Carvalho, criaram um grupo de recitação poética, a fim de realizar performances e intervenções nos corredores e *halls* do campus, o que foi um estímulo para a criação de outros movimentos artísticos dentro da universidade. É quando em dois mil e onze surge o grupo Literânima, dentro do Projeto de Pesquisa "Poesias Utópicas", orientado e coordenado pela professora Drª e artista Márcia Felix. O Literânima é um grupo que existe até hoje, dedicando-se ao estudo da poesia, da literatura e da performance. De dois mil e onze até dois mil e treze, com o "Poesias Utópicas" foram criados alguns projetos de extensão, de pesquisa e ensino, que proporcionaram o desenvolvimento de trabalhos de letramento literário nas escolas públicascom turmas de Ensino Médio. Com o Literânima também foram realizados outros trabalhos de intervenções urbanas,

recitais e espetáculos performativos – “Verbalizando o ser” (2012), “Campos de Varais” (2012) e “Casulo da Alma” (2013). Buscava-se com esses projetos, manter o diálogo com os espaços mais diversos, fora da universidade, bem como, ocupar os espaços da cidade. Nesse período, os estudos da performance se tornaram ainda mais um interesse pessoal, o que motivou a mudança para João Pessoa e a busca pela graduação em arte.

Figura 3–Luau Quatro Estações

Fonte: Acervo pessoal.
Homenagem a Gonzaga de Garanhuns com participação do grupo Literânima

Figura 4–Megafonizando poesia

Fonte: Acervo do Literânima.
Ação do grupo Literânima

É em dois mil e quatorze, ano de chegada em João Pessoa e do ingresso no Bacharelado em Teatro pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB), que as encruzilhadas se expandem. Porém, foi no curso de Licenciatura em Dança, fazendo disciplinas extracurriculares, que os estudos sobre performance ficaram mais assíduos, de modo que o entrecruzamento com a graduação em Teatro, possibilitou o acesso mais rápido a conteúdos e referenciais específicos. E a medida que os entendimentos sobre performance iam chegando, sentia-se que era preciso explorar e ocupar outros espaços para além da sala de aula, o que fazia sentido era aproximar-se das pessoas, das mais diversas possíveis e também dos espaços coletivos, compartilhados e diversos..

De dois mil e quatorze até dois mil e quinze, alguns estudantes do curso de Teatro se auto organizam e criam dentro da universidade o movimento "Culto a Baco", ocupando mensalmente um espaço por trás dos prédios do Centro de Comunicação, Turismo e Artes (CCTA). O Culto foi uma manifestação artística que promovia encontros entre artistas da UFPB e da cidade, que experimentavam e criavam coletivo e individualmente, utilizando-se de todas as linguagens artísticas (musicais, danças, performances, circo, palhaçaria, recitais poéticos, etc). A diversidade de pessoas e a ocupação da universidade, inspirou a muitos e muitas artistas que deram seguimento aos seus experimentos e trabalhos em outros espaços e formatos.

Figura 5–Culto a Baco

Fonte: Acervo pessoal.

Encontros na UFPB

Paralelo a esse momento, na cidade de João Pessoa, envolvendo-se com a arte local e cada vez mais inserida nesse novo contexto de cidade, eis que surgem pelos caminhos duas artistas que são até hoje referências importantes para o encontro com a urbanidade. Li Vasc[1] e Mariana Uchôa[2]. Ambas são artistas que trabalham com a composição artística, considerando o espaço da cidade como lugar de criação e experimentação, trazendo sempre um olhar sensível e interessado nas especificidades do contexto urbano. Com a artista Li Vasc, alguns trabalhos foram realizados para o projeto fotográfico "Nascer(dor)"[3]. O projeto "Nascer(dor)" proporcionou alguns trabalhos foto-performáticos em lugares abandonados pela cidade, entre eles, o antigo convento localizado no Centro Histórico e em um galpão de materiais recicláveis, localizado na comunidade Porto do Capim.

[1] Li Vasc é fotógrafa, artista visual e professora.
[2] Mariana Uchôa é dançarina, performer e musicista.
[3] Disponível em: http://www.revistarevestres.com.br/algomais/occupyareves/por-li-vasc/

Figura 6– Performance solo

Fonte: Registro de Li Vasc.
Performance nas ruínas do antigo convento, para o projeto "Nasce(dor)

Figura 6– Performance solo

Fonte: Registros de Li Vasc.
Projeto "Nasce(dor)

Já os encontros com a dançarina e performer Mariana Uchôa, proporcionaram uma relação com a cidade a partir do CIU – Contato Improvisação Urbano, em que se dançava com os espaços da cidade e promoviam-se ressignificações de lugares ociosos. A maioria dos encontros do CIU aconteceram à noite, em espaços não convencionais (o teto de uma passarela, uma rotatória, monumentos históricos, etc.) ou em bairros mais afastados do centro da cidade.

Figura 8– CIU

Acervo: Registros de Milena Medeiros
Performance no Festival de Inverno do Castelo Branco

Outro momento importante nesse período de dois mil e dezesseis, foi quando na UFPB, estudantes instauraram uma greve contra os descasos e negligências da reitoria para com estudantes auxiliados e o país sofria um golpe de estado com a retirada da presidente Dilma Rousseff da presidência do Brasil. Todo o contexto induzia à ocupação das ruas, ao movimento coletivo e à busca por uma forma de se manifestar, que provocasse reflexões e transformações. Na graduação também, uma disciplina foi muito importante nesse momento, "Práticas de Criação", ofertada no curso de Licenciatura em Dança da UFPB, pela artista e professora Candice Didonet e pelo professor, dançarino e arquiteto Iale Camboim. As aulas foram dedicadas aos estudos e as práticas de composição situada, primeiramente nos espaços da própria universidade e posteriormente na cidade. Entre os principais assuntos estudados, aprendia-se sobre a relação com os espaços a partir dos conceitos de Deriva[4] e Corpografia[5]. Experienciavam-se criações artísticas em grupo, trabalhando a criação coletiva a partir das experiências de mundo de cada aluno e aluna e os interesses individuais em relação ao espaço.Um dos experimentos realizados nessa disciplina que inspirou também a busca por vivenciar uma pesquisa artística foi "À deriva"[6], realizado na cidade de Cabedelo - PBdurante

[4] Conceito abordado na obra ***Walkscapes: o caminhar como prática estética*** (2013), do autor Francisco Careri.
[5] Conceito abordado na obra ***Corpocidade: debates, ações e articulações*** (2010), das autoras Fabiana Dutra Britto e Paola Berenstein Jacques.
[6] Vídeo do experimento disponibilizado em: https://www.youtube.com/watch?v=SmIbCygkNpc

uma aula de campo de “Práticas de Criação”. Nesse experimento, a ideia era a de investigar formas de ocupar, dialogar e ressignificar os espaços a partir das afetações em deriva pela cidade. Após esse experimento, os estudos sobre a cidade pelo olhar da arte influenciaram completamente o interesse em vivenciar uma pesquisa artística que impulsionasse um processo criativo dentro do contexto urbano. As primeiras referências sobre a composição situada no espaço da cidade chegaram através dessas aulas e isso possibilitou aproximações com outros e outras artistas que pesquisavam o tema **composição urbana**.

Figura 9– Experimento de aula

Fonte: Registro de Luciana Portela.
Experimento em um prédio abandonado da UFPB

Figura 10 – Intervenções Artísticas

Fonte: Registros de Iale Camboim e Candice Didonet.
Interveções no trem de joão pessoa à cabedelo durante uma aula de campo

A disciplina "Práticas de Criação" foi um canal que abriu muitas portas e entra elas, a que interligou ao grupo de pesquisa Radar 1[7], o qual, desde dois mil e dezesseis, tem sido um ambiente que está proporcionando algumas pesquisas artísticas a partir da ideia de composição situada. Dedicado aos estudos teórico-práticos, o Radar 1 tem vivenciado composições nos espaços da cidade de João Pessoa, encontros com outros e outras artistas e imersões em residências artísticas. Por ser um ambiente coletivo e interdisciplinar, o Radar 1 tem despertado muitos interesses e pesquisas individuais, que se atravessam em coletivo. Tem-se criado algumas composições e experimentos, entre eles destacamos aqui o último trabalho realizado, "Vendo os ventos para mostrar a pele"[8](2019), que surge a partir de uma residência artística vivenciada por cinco meses no casarão do Núcleo de Arte Contemporânea (NAC), localizado no Centro Histórico de João Pessoa.

[7]Grupo de Pesquisa que se iniciou em 2010 na cidade de Salvador - BA como pesquisa artística vinculada ao projeto de Mestrado em Dança da dançarina Líria Morais. Em 2016, o grupo retoma na cidade de João Pessoa- PB por artistas locais e de outras localidades, como ambiente interdisciplinar de investigação artística ligada à UFPB.
[8]Espetáculo performativo criado a partir de composições individuais e coletivas do Radar 1, as quais abordam as experiências vivenciadas durante a residência artística no casarão do Núcleo de Arte Contemporânea (NAC), bem como as composições realizadas nos espaços da cidade e em torno do casarão.

Um dos principais estudos que têm norteado as pesquisas do Radar 1 e que tem influenciando o desejo de pesquisar ainda mais a composição situada, é o conceito de **corpomapa**, desenvolvido pela professora Drª, dançarina e coordenadora do grupo, Líria Morais, conceito que tem aguçado os entendimentos sobre a composição situada a partir dos aspectos físico, social e cultural dos espaços, que se implicam no corpo e na criação. Dentro do Radar 1 foi possível desenvolver um projeto de pesquisa pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), vinculado ao Departamento de Artes Cênicas (DAC) da UFPB. Orientado pela professora Líria Morais, criou-se o projeto "Rastros da\na paisagem urbana", realizado de julho de 2018 a julho de 2019, que trata de uma pesquisa artística teórico-prática interessada nos estudos sobre processo criativo a partir da ideia de "Corpomapa" e "Corpografia". O principal objetivo da pesquisa, foi vivenciar um processo criativo com e na cidade de João Pessoa, realizando diariamente experimentos artísticos em meio ao cotidiano.

Figura 11 –Experimentos Radar 1

Fonte: Registros de Milena Medeiros
Composições situadas no centro histórico e na comunidade Porto do Capim

Figura 12 – Residência artística

Fonte: Acervo pessoal
Grupo Radar 1 na praia de Tabatinga

Figura 13 – Experimento Radar 1

Fonte: Acervo pessoal.
Experimentando composições situadas nos espaços da cidade

Figura 14 – "Caídes"

Fonte: Registro de Daniel Diniz
Performance realizada no centro histórico, fruto da residência artística "Rua para fugas habitadas" com o grupo Radar 1 e a artista Elke Siedler

Figura 15 – Residência artística

Fonte: Acervo do radar 1
Grupo Radar 1 no Núcleo de Arte Contemporânea

Figura 16 – "Vendo os ventos para mostrar a pele"

Fonte: Acervo do Radar 1
Espetáculo performativo realizado no casarão do Núcleo de Arte Contemporânea

A experiência de estar pesquisando foi uma porta de entrada para diálogos artísticos mais conscientes sobre a cidade, revelando a responsabilidade da arte como ferramenta de transformação. Os encontros cruzados em cada experiência trocada com outros corpos artísticos, trouxeram muitas afetações e inspirações, principalmente nesse período da pesquisa do PIBIC, que para além dos entendimentos científicos, ampliou um desejo ainda maior de desenvolver um procedimento artístico que pudesse formar e gerar novos entendimentos sobre a criação em arte a partir de uma ideia de relação com o contexto urbano. Por isso, enquanto trabalho de conclusão, segue-se nesta caminhada por aqui (re)oraganizando e (re)pensando os rastros que permanecem gerando movências. Cada experiência coletiva vivenciada anteriormente, reverberou nos interesses atuais. Cada passo dado até aqui tem sido construído com todas essas potências e suas respectivas formas de presença.

Após essa breve passagem pelos caminhos de (r)encontros com os interesses e guianças, segue-se para o próximo passo: **Ilhar**, onde serão acomodadas as ideias e as discussões que estão a princípio, embasando a andar_ilhagem e abrindo novas encruzilhadas de entendimentos, onde se dialoga com outras formas de pensar a composição artística, a cidade e as relações que se atravessam desse encontro.

2 SEGUNDO PASSO: ILHAR: PAUSA

A caminhada segue para se ver por dentro a face da fase dos encontros com a proposição de agir com sensibilidade. Ilhar é a pausa. É nesse pequeno espaço de ilha que o tempo passa devagar. Andarilho no mundo é rei e rainha, inventa caminhos outros porque tem sua própria poética de ser_ _ _

Nesse segundo passo, será revelado a base teórica do processo de Andar_Ilhar. As influências, motivações e estudos que se cruzaram no início da pesquisa revelam porque o percurso de andar_ilhagem foi tomando certas direções. Os cruzamentos e as trocas em experiências compartilhadas, ampliaram as perspectivas e revelaram que o interesse pela cidade sempre esteve presente. Por isso, para se compreender os caminhos de andar_ilhagem, a ilha situará nesse instante as afetações teóricas que se atravessaram e atravessam as criações.

Nesse sentido, este trabalho está sendo feito com base nas reflexões e afetações que chegaram no caminho, principalmente no momento em que as ilhas aconteciam. As perspectivas e os pensamentos realçados neste passo, são uma tentativa de dialogar com outros entendimentos para que os conhecimentos e as trocas sigam fluindo.

2.1 REFLETIR OS PASSOS, OS CAMINHOS E OS ENCONTROS

A ideia de ilha surge como pausa, no intuito de apreender o contexto e reconhecer o que se passa com o próprio corpo, um mapeamento do que se vê e do que se sente. Nesse instante, o corpo tomado de muitas informações tem a oportunidade de reparar e escolher no que vale a pena se aprofundar. Sentir o zunido dentro do silêncio e o silêncio dentro do caos gerou uma necessidade de caminhar e inventar ilhas flutuantes, as quais cabiam de tudo - tudo o que quisesse se ilhar. Por muitas vezes couberam pessoas, bichos, rios, matas, lixo, som, poluição e outras vezes não entrou nada além dos próprios sentimentos e estados de agora. Ilhas efêmeras eram construídas ao longo do caminho e muitas vezes se visitava rastros de memórias por onde já se tinha estado. E tudo, absolutamente tudo, foimatéria-prima de inspiração. Só houve (qualquer) possibilidade de ouvir e sentir, pela presença das demais coisas existentes nos instantes, essas do mundo que se via em recorte em cada parte chegada.

Por se entender a necessidade de compreender esse contexto da cidade, a ideia de ilhar na andar_ilhagem é também uma forma de se permitir refletir e repensar os passos, os trajetos e os interesses. A imagem da cidade que se tinha no começo da pesquisa, era a de uma selva de

pedras onde se sobrevive mais do que se vive, mas logo se viu nisso uma possibilidade de investir mais profundamente no atravessamento do concreto e do asfalto pelo diálogo artístico: é o que se pode chamar de rompimento pelo sensível. Portanto, este trabalho tem o intuito de acentuar a força da arte, a que tenciona a estrutura enrijecida e cria novos sentidos de relação entre os indivíduos.

A inspiração no ser que andar_ilha é uma relevância na pesquisa que tem se construído ao longo desse tempo, principalmente por se perceber nessa forma de vida, um rompimento de fronteiras que desobedece à ordem 'higienizada e organizada' da urbanidade. Quem andar_ilha borra. E essa borragem anuncia e denuncia condições diversas. A figura do andarilho chega como referência a partir das poesias de Manoel de Barros, o qual dedica muito dos seus escritos aos andarilhos, ressaltando a sua importância pertencida de grandezas ínfimas. Essa primeira referência que chega, realça inicialmente na pesquisa, o desejo de encontrar uma poética do sensível e ressaltar nos encontros, possibilidades de ressignificação e desautomatização da paisagem urbana.

> Eu já disse quem sou ele. Meu desnome é Andaleço. Andando devagar eu atraso o final do dia. Caminho por beiras de rios conchosos. Para as crianças da estrada eu sou o Homem do Saco. Carrego latas furadas, pregos, papéis usados (Ouço harpejos de mim nas latas tortas.). Não tenho pretensões de conquistar a inglória perfeita. Os loucos me interpretam. A minha direção é a pessoa do vento. Meus rumos não têm termômetro. De tarde arborizo pássaros. De noite os sapos me pulam. Não tenho carne de água. Eu pertenço de andar atoamente. Não tive estudamento de tomos. Só conheço as ciências que analfabetam. Todas as coisas têm ser? Sou um sujeito remoto. Aromas de jacintos me infinitam. E estes ermos me somam. (Barros, 2013, p. 326)

Manoel de Barros nos provoca a pensar na presença borrada de quem andar_ilha, como causador de constantes reinvenções de fluxos em caminhada. "Penso que devemos conhecer algumas poucas cousas sobre a fisiologia dos andarilhos" (Barros, 2013, p. 327). Vê-se no andarilho de Manoel, um ser que se deixa levar pelas afetações enquanto caminha e se reinventa na caminhada, que inspira a superação do olhar estático-anestesiado para a malemolência do envolvimento com as coisas do caminho, pelo afeto. Nesse sentido,Andar_Ilhar é uma prática de caminhar que quer deixar rastros, uma errância em busca de desordens artísticas para desmontar hierarquias e causar microrevoluções urbanas.

A partir dessa lógica de andar_ilhagem, foi possível reparar muitos mais nos detalhes da cidade e o que se destacava na paisagem causando desvios e afetando outras formas de ser e estar. Enquanto estudo teórico, pode-se dizer que muitos assuntos têm estimulado a prática de uma criação artística preocupada em movimentar reflexões sobre a potência da arte em contato com a cidade. Entre os assuntos, alguns serão destacados no decorrer deste capítulo, em ordem de apreensão.

2. 2 AFETAÇÕES ERRANTES

O primeiro entendimento que chega é a ideia de **encontro**, que a caminhada pela cidade proporciona. Para o autor Marcos Martins (2009), o caminhar como prática artística tem o poder de intervir no espaço urbano quando artisticamente nos abre para a experiência dos encontros

> Para o artista que conscientemente estabelece essa interlocução, o caminhar pode se apresentar como um desnudamento dos sentidos para a construção das vivências, ao extrair das edificações, ruas e calçadas os cheiros, texturas e cores através do exercício de escuta dos ruídos que ressoam vibrantemente no silêncio, que mesmo mudo, constrói as relações entre corpo e lugar com olhos que buscam enxergar além do plano material, visadas que descrevem 'o espaço' pelos olhos do corpo – miradas que se fazem corpo através das formas construídas nas paisagens. (Martins, 2009, p. 884)

O encontro com a cidade é uma espécie de comunhão e troca, que se faz e refaz em negociação entre o que se encontra e o que é possível se relacionar. É também uma possibilidade de ritualizar como fenômeno comum e natural da própria dinâmica de encontrar o inesperado. Milene Duenha (2016) ressalta que não se pode prever seus efeitos, pois o/a artista se baseia em seus afetos e nas relações que se concretizam e mesmo efêmeras e esporadicamente, todo encontro é uma possibilidade de troca e aprendizado.

Artisticamente, a busca por encontrar uma forma de se expressar e provocar diálogos com outras pessoas, considerando o contexto da cidade, foi reforçada quando a performance se tornou a linguagem de acesso aos encontros. Por ser uma linguagem híbrida e que se faz no entre do real e do representativo, a performance permite um atravessamento sensível e infinitas possibilidades de relação. Nesse sentido, a criação de uma nova forma de praticar a cidade, pode influenciar em (co)criações, onde todos e todas "podem ser criadores e participantes" (Caballero, 2011, p. 46), ou seja, outros indivíduos podem participar e interferir nesses diálogos. Segundo a autora Tânia Alice (2013), pode-se pensar também na performance como possibilidade de (r)evolução dos afetos, por se tratar de uma linguagem aberta a intervenções.

> A performance como prática espiritual, existencial, como fusão de arte e vida, intensificação de afetos e das relações. A performance como abraço planetário, ecologia social, ambiental, da subjetividade e como poder transformação potente e potencializador. A performance, imaginação liberada, desterritorialização de afetos e como invenção do cotidiano, longe de imaginários padronizados. A performance como reterritorialização na terra fértil dos possíveis, como resposta à urgência de cuidar de si, do outro e do planeta, como estética emergente e urgente de um mundo globalizado. A performance como ritual de comunhão, como convite para a partilha, o sossego, a troca. (Alice, 2013, p. 43).

É com essa ânsia por fazer acontecer potências transformativas e de alguma forma inspirar dilatações de percepção de mundo, que se vê na performance, uma possibilidade de reviravolta e provocação, que desperta novos pontos de vista. A performance dentro do procedimento de andar_ilhagem é um convite à desautomatização, onde se abre possibilidades

de interação, como bem ressalta a autora Ilena Diéguez Caballero (2011) em sua obra "Cenários Limiares: teatralidade, performance e política":

> Em qualquer caso, as intervenções produzem certa alteração, minimamente fugaz, do espaço e contexto no qual se produzem. Entre outras coisas podem provocar re-conexões que implicam uma reconsideração acerca das relações entre os habitantes, assim como um olhar que inclui zonas veladas de memória coletiva. (Caballero, 2011, p.113).

Implicando-se na cidade em andar_ilhagem, observando as pessoas, os acontecimentos, as regras e as estruturas da cidade (físicas, sociais, políticas e culturais), é possível também enxergá-la como um organismo vivo, organizado e mantido pelo sistema capitalista e por assim dizer, controlado pela lógica da valorização do capital. Em se tratando de assumir uma prática artística que dialoga com o contexto, interessa principalmente tencionar essa realidade a partir de um sentido inverso, isto é, assumindo uma postura ostensiva ao propor um diálogo criativo ou uma manifestação performativa, que possibilite reflexões entre os indivíduos. Segundo a autora Caballero (2011), é importante que os/as artistas estejam atentos (as) às suas reinvenções e atitudes perante o mundo, pois suas práticas perante às experiências migrantes do 'não território' e das relações complexas com o outro, têm a força de movimentar revoluções.

Partindo do ponto de vista dos estudos voltados para a experiência urbana, entre os assuntos que também norteiam a pesquisa, é o conceito de "errância", retirado da obra "Elogio aos errantes" da autora Paola Berenstein Jacques (2012), que se percebe na perspectiva da experiência errante como prática artística, uma possibilidade de apreensão da cidade e a realização da alteridade:

> A experiência de errar pela cidade pode ser pensada como ferramenta de apreensão da cidade, mas também como ação urbana, ao possibilitar a criação de microrresistências que podem atuar na desestabilização de partilhas hegemônicas e homogêneas do sensível, nas palavras de Jacques Rancière (2000). As errâncias são um tipo de experiência não planejada, desviatória dos espaços urbanos, são usos conflituosos e dissensuais que contrariam ou profanam, como diz o próprio Agamben, os usos que foram planejados. A experiência errática, assim pensada como ferramenta, é um exercício de afastamento voluntário do lugar mais familiar e cotidiano, em busca de uma condição de estranhamento, em busca de uma alteridade radical. O errante vai de encontro à alteridade na cidade, ao Outro, aos vários outros, à diferença, aos vários diferentes; ele vê a cidade como um terreno de jogos e de experiências. Além de propor, experimentar e jogar, os errantes buscam também transmitir essas experiências através de suas narrativas errantes. São relatos daqueles que erraram sem objetivo preciso, mas com uma intenção clara de errar e de compartilhar essas experiências. Através das narrativas errantes seria possível apreender o espaço urbano de outra forma, pois o simples ato de errar pela cidade cria um espaço outro, uma possibilidade para a experiência, em particular para aexperiência da alteridade. (Jacques, 2012, p. 23)

A ideia de errância surge no início da pesquisa, quando na disciplina de "Práticas de Criação", estudava-se o conceito de "deriva" a partir da obra de Franscesco Careri, "Walkscapes: o caminhar como prática estética", uma obra que tem embasado muitas pesquisas de diferentes áreas que se interessam pela caminhada como prática de aproximação e

reconhecimento dos espaços urbanos. Porém, tem feito muito mais sentido nesse momento, pensar na ideia de errância como conceito norteador, pois na perspectiva da andar_ilhagem, assemelha-se a ideia de caminhar como possibilidade de criar desvios artísticos na cidade grande.

A caminhada no processo de andar_ilhagem proporciona por si só, um mergulho por dentro da cidade e as ilhas que proporcionam a pausa, atualizam os entendimentos, os diálogos e os trajetos que surgem. A partir desse fluxo, o corpo já tomado de referências da cidade, consegue está em constante atualização de seu repertório. Estudar e se relacionar com a urbanidade são práticas que coexistem no ato de Andar_Ilhar, fundamentadas principalmente nos estudos sobre "corpografia urbana" e "corpomapa", ambos procedimentos que inspiram o despertar sobre novas corporalidades.

A "corpografia urbana" segundo as autoras Fabiana Dutra Britto e Paola Berenstein (2010), é um conceito que atenta para a reflexão de que corpo e cidade quando se relacionam, o corpo lê a cidade como conjunto de condições interativas e por isso, expressa a síntese dessa interação em sua corporalidade. Como uma espécie de cartografia corporal, um corpo grafado de cidade tende a desviar-se do modelo padrão do espetacular para instaurar um outro sentido.

> Do ponto de vista do urbanismo, esta experiência da cidade que se instaura no corpo seria uma forma molecular (ou micro) de resistência ao processo molar (ou macro) da espetacularização urbana contemporânea, uma vez que a cidade vivida (não espetacularizada) sobreviveria a este processo no corpo daqueles que a experimentam. As corpografias urbanas, que seriam estas cartografias da vida urbana inscritas no corpo do próprio habitante, revelam ou denunciam o que o projeto urbano exclui, pois mostram tudo o que escapa ao projeto tradicional, explicitando as micro práticas cotidianas do espaço vivido, as apropriações diversas do espaço urbano. (Britto; Jacques, 2008, p. 80).

Embora as definições de cidade partem de um olhar mais voltado para o contexto urbano e arquitetônico, as autoras Britto e Jacques (2008), atenta-nos a pensar de que maneira os modelos de cidade grande interferem nas relações dos corpos que habitam esses lugares. E se observamos bem, "[...]o empobrecimento da experiência urbana pelo espetáculo, leva a uma restrição das possibilidades perspectivas do corpo que, então, se configura sob um padrão de corporalidade mais restritos" (Britto; Jacques, 2008, p. 80). Nesse sentido a reocupação dos espaços da cidade a partir da exploração de novos corporalidades, pode provocar uma outra forma de apreensão e reflexão da cidade. Para o autor Iale Camboim (2011), ao refletir sobre a implicação da dança situada no espaço urbano, destaca-se o entendimento de que, quando se trabalha no reconhecimento das corpografias da vida urbana cotidiana também se estimula a experiência corporal/sensorial da cidade e fomenta-se encontros entre os indivíduos. Sendo assim, a dança situada na cidade bem como o ato de Andar_Ilhar, se assemelham no que diz respeito ao contexto urbano e a busca por corporalidades que provoquem aproximações entre os indivíduos e inspire a alteridade.

Assim como a “corpografia urbana”, o “corpomapa” é um procedimento que também nos revela como a relação entre corpo e lugar podem gerar uma composição implicada de muitas conotações, em diferentes níveis de interação e jogo com os elementos do próprio corpo e do espaço. A ideia do “corpomapa” trazido pela autora Líria Morais (2015), sob as perspectivas de dançar com os lugares fala que, “[...] é necessário que o corpo dialogue com o lugar de forma presencial, considerando que há dados das circunstâncias do tempo presente que precisam ser inclusos na criação a todo tempo” (Morais, 2015, p. 38). E para além dadança, ao pensarmos na composição situada, é preciso conviver e reconhecer os espaços como quem procura fazer parte dele, até que se sinta em certo sentido, situado. O mapeamento acontece, segundo a autora, quando ao se relacionar com o lugar, é possível envolver-se em uma série de mapeamentos que acionam os entendimentos sobre si mesmo, sobre o lugar e sobre a composição. Desse ponto de vista, a autora especifica essa relação a partir de planos ou camadas de organização que são operadas sob a perspectiva de “corpomapa”:

> Os planos de relação são determinados por três aspectos: os aspectos físicos do dançarino e do ambiente (Superfície); os aspectos sociais do lugar e do dançarino (Dimensão); e os aspectos compositivos que se estabelecem no encontro (Recorte). Nessa tríade de mapeamentos, o dançarino se depara com reflexões que permeiam os três planos de relação, já que todos convergem para um fazer compositivo situado.” (Morais, 2015, p. 15).

Quando se pensa nessas relações que atravessam a criação entre corpo e cidade, reconfigura-se uma outra forma de estar, um outro comportamento, uma outra forma de perceber os contextos. No processo de andar_ilhagem, atravesse-se a muitas possibilidades de perspectivas, mas ao adentrarmos nessas compreensões sobre os conceitos da “errância”, de “corpografia urbana” e de “corpomapa”, é possível associar que o motivo principal desses entrecruzamentos, é o de reforçar o interesse pela afetação. Por acreditar na capacidade transformadora da presença da arte em contato com as pessoas em meio a cidade, o Andar_Ilhar é um manifesto itinerante da alteridade, que busca encontros e trocas afetivas em prol da reinvenção das relações entre os indivíduos e a cidade.

Do ponto de vista do ilhamento, pensar nessa relação entre corpo e cidade, desperta para um olhar ainda mais sensível sobre esse modelo urbano imposto e como ele tem interferido na vida das pessoas. A cidade de João Pessoa, assim como a maioria das cidades grandes do país, corresponde a um modelo padrão hegemônico e higienista, que entre tantas interferências sob os corpos, controla e limita a experiência da cidade. E pensar nessa relação é também uma maneira de ir contra a esse planejamento, bem como, revela-se importante a criação de condições e situações que sejam um convite à participação e à criação compartilhada. É com essa ânsia por fazer acontecer potências transformativas e de alguma forma inspirar novas percepções de mundo, que se vê nas trocas afetivas de andar_ilhagem, como potência performática.

Andar_Ilhar é um procedimento artístico performativo que vem se construindo como pesquisa prática e todas discussões errantes até aqui, partem da observação sobre osencontros que aconteceram com e na cidade de João Pessoa. A imersão na cidade, a princípio tomada pela iniciativa de pesquisa artística, foi se transformando no desejo de gerar reflexões coletivas e, ao mesmo tempo, estimular outros indivíduos a criar suas próprias manifestações. Para Duenha (2016), em "Presença e afeto que não se faz só: potências de afeto no ato de com-por encontro entre corpo", o/a artista diante de uma composição performativa partilhada no aqui-agora, não é o/a detentor/a do saber sobre os efeitos de seu trabalho, mas uma figura que instiga as presenças do lugar a construir suas próprias ações, bem como suas próprias teias de sentido acerca daquilo que se vivencia.

Entre caminhar e ilhar, pode-se dizer que o processo de (re)descobrimento desse novo proceder, vem gerando muitas inquietações do ponto de vista artístico e pessoal. Dessa maneira, a pesquisa em Andar_Ilhar segue acontecendo alimentada pelo desejo de descobrir e encontrar. (Com)(Por) com a cidade em caminhada para encontrar razões afetivas de aproximar e transformar, tem sido uma oportunidade de repensar o papel da arte e do/da artista, ao mesmo tempo que também viabiliza encruzilhar outras áreas de conhecimento e outras perspectivas de mundo.

> Se considerarmos que uma das principais características da experiência artística é a possibilidade de alteração do nosso modo de perceber o mundo, e de nos percebermos nele, a consideração dos possíveis efeitos na experiência artística presencial menos vinculada a estruturas fixas de significados – que cerceiam as possibilidades de invenção do mundo -, parece pertinente. Na arte, a subversão de convenções preestabelecidas pode ser também uma possibilidade relacional que convida a inventar novos caminhos (Duenha, 2016, p. 167-168)

Com esse intuito de inventar nossos caminhos e um novo proceder, é que Andar_Ilhar tem sido uma manifestação itinerante pela cidade de João Pessoa, onde se realiza poéticas de subversão e diálogos sensíveis por diferentes formas de se expressar. Logo mais no próximo passo, serão entendidos os procedimentos que constituem a andar_ilhagem e os tipos de diálogos que já aconteceram. Os rastros do Andar_Ilhar deixados neste trabalho, serão apresentados em forma de materiais e registros realizados desde 2016 até o atual momento.

3 TERCEIRO PASSO: ANDAR_ILHAR: UM MODO DEPROCEDER

Cidade desejo. O corpo da cidade no corpo-a-corpo. Desejo de aproveitar cada instante do encontro desses corpos. Nômades e efêmeras manifestações brotam entre a cidade. É mais um ato solto entre tantos atos de sentir. A necessidade do deslocamento é um desejo oco, ecoado do zunido de dentro, também da cidade, em busca de algum preenchimento. O que cabe fazer ali senão sentir primeiramente? Depois fluir com a velocidade (ou não) dos sinaleiros e sentir que paira no ar, uma desorganização organizada. Há sempre algo que, aleatoriamente, destaca-se por algum pequeno grande ato de desobediência, como os matinhos que insistem em nascer no concreto, por exemplo. E o que tem de importante nisso, é que no entre, na ruptura, na fissura, há algo conspirando para que retomemos a nós mesmos e mesmas, em sua plenitude natural. Isso é ensinamento aprendido com o ser andarilho, que muito inspira poesias, ainda que estejam nus de fragilidades.

É com essa fisiologia andar_ilha que este último passo irá tratar: estudar as múltiplas possibilidades de criar nos espaços da cidade. A partir das experiências vivenciadas e tendo como base alguns registros feitos em andar_ilhagens, será exposta uma lógica de Andar_Ilhar que se constrói nesse trabalho a partir de uma ideia de procedimento, que tem a ver com o modo de agir. É importante ressaltar que essa estruturação dos entendimentos só é possível porque antes, houve um tempo dedicado às práticas e só a partir delas, que hoje se pode entender a procedência andar_ilha como prática de criação.

3.1 PROCEDIMENTO EM ANDAR_ILHAGEM

A prática de Andar_Ilhar pode ser entendida como um procedimento que possibilita tanto o aprendizado sobre a cidade, quanto da criação, a partir da implicação por meio da experiência. Para (com)(por) em andar_ilhagem é preciso exercitar a autonomia criativa, o despertar e o se afetar. Os dispositivos que surgem quando se está imerso na ideia de composição, acionam estados de presença muitas vezes únicos e efêmeros, pois cada encontro é uma oportunidade de vivenciar novas experiências. Mas para além de uma prática que exercita a livre criação, é preciso entender que o contexto de andar_ilhagem segue algumas lógicas, que são:

1. Andarilhar é um modo de se manifestar na e com a cidade;

2. É preciso se entregar ao que chega, ao que se intui e não predeterminar os acontecimentos, no máximo escolher onde começa a caminhada;

3. A caminhada é uma possibilidade de conhecer e encontrar, então caminha-se como quem procura familiarizar-se com os espaços, apreendendo sobres eles e tudo que envolva suas realidades;

4. Ao caminhar, exercitar a fluidez dos pensamentos, permite-se ouvir com todo o corpo o que se passa em volta, observar as sensações, os sentimentos e mover-se a partir desses mapeamentos;

5. Às vezes será preciso pausar a caminhada para assimilar o contexto e tomar decisões. Ao parar, é possível testemunhar sem julgamentos e expandir à escuta;

6. O mais importante nesse jogo entre caminhar e pausar, é buscar aproximações reais e sem representações (quando sentir que é um momento propício), criar, agir, mover livremente como deseja, desde que o diálogo seja com o contexto onde se está, o que inclui pessoas, natureza, animais, objetos, estruturas, lugares, acontecimentos, etc. Os diálogos são ações que podem ou não acontecer a todo momento.

Sair de casa sem saber para onde se vai. Guiada pela intuição, vai-se armada com os sentidos aguçados em estado de prontidão, para encontrar tudo que seja possível encontrar: pessoas, lugares, sensações, sentimentos, histórias, objetos e o nada também. Sempre é assim: sair de casa e encontrar com o mundo. Perceber o formato do chão, a cor do céu, a frequência do som, a temperatura da cidade, o comportamento das pessoas e quaisquer coisas ínfimas importantes que estejam presentes nas frestas da cidade. Percebendo no caminhar uma possibilidade de travessia entre fronteiras, partindo sempre de dois pressupostos: primeiramente do auto mapeamento, ao reconhecer no próprio corpo o seu estado, as suas condições, os desejos e as necessidades e a segunda, das afetações que os encontros com a cidade provocam.

O corpo que andar_ilha se depara a todo instante (no aqui-agora) com diversos tipos de presença e cada uma é possibilidade de afetação ou "[...]uma possibilidade de chegar a um momento, a um instante em que algo nos provoca a ponto de nos mobilizar, de provocar fissuras perceptíveis, de revirar nosso ponto de vista." (Duenha, 2016, p. 174). Então, pode- se dizer que o deslocamento e o diálogo em andar_ilhagem tem sido ações queimpulsionam afetações múltiplas, que dependem principalmente do que os encontros podem gerar.

O exercício de experimentar a cidade por meio do jogo de ação-reação, tanto permite que se explore possibilidades de estar, de sentir, quanto de criar corpografias distintas. O investimento nessas novas corpografias, revela um corpo em constante equilíbrio e

desequilíbrio, um corpo carregado de caos e ao mesmo tempo poético, que está a todo tempo lidando com estados de presenças reais e muitas vezes inéditas. Seja ocupando, coletando objetos, transformando os espaços, sugerindo interações, o corpo sempre está experimentando corporalidades, curioso e interessado em entender a cidade e na mesma proporção, entender-se. Sem um planejamento prévio, nem tão pouco um objetivo específico a cumprir, Andar_Ilhar é uma prática de encontrar e estabelecer diálogos sensíveis, criando na cidade, novas possibilidades de experienciá-la e ao mesmo tempo, de transmitir essas experiências de modo a incentivar a alteridade. Como performance de rua, a prática de Andar_Ilhar é um procedimento que se utiliza do próprio contexto da cidade para estabelecer relações: com o espaço, objetos, pessoas, situações, estruturas e tudo que esteja presente e seja possível ser utilizado como matéria de composição. A experiência errática possibilita que os ideais e os objetivos se construam no agora e por isso, é complexo explicar ou justificar as performances racionalmente. Como pesquisa, as narrativas erráticas se constroem com o cotidiano, mas dentro desse cotidiano um outro espaço é inventado pela experiência artística, onde os diálogos se estabelecem como composição.

As experiências de andar_ilhagem em sua maioria, falam de atravessamentos intuitivos, afetivos e reflexivos. Cada pessoa que se propõe a Andar_Ilhar, está sujeita a vivenciar suas próprias sensações e criar suas próprias ações. A principal referência desse diálogo são os indivíduos e como estes utilizam o espaço da cidade, portanto, as relações estabelecidas entre corpo e espaço são possibilidades de encontro. Não existem regras fixas, pois a potência de quem andar_ilha está na sua disponibilidade de exercitar autonomias, a ponto de se reconhecer seus próprios modos de operar.

Para melhor compreender na prática como se dá o procedimento andarilho, logo mais serão expostos alguns rastros feitos durante esse período que a pesquisa vem se desenvolvendo, desde 2016. Poucas vezes foi possível registrar as performances, pois aincerteza dos caminhos percorridos e também por se está solitariamente andar_ilhando, a maioria das vezes não foi possível fazer registros fotográficos ou audiovisuais, apenas registros escritos nos diários de bordo e áudios gravados no celular durante as caminhadas. Portanto, logo mais, serão apresentados algumas imagens acompanhadas de suas respectivas anotações, as quais foram retiradas dos diários e por isso, serão narradas em primeira pessoa.

3.2 RASTROS ANDARILHOS

Entende-se como rastros, tudo que fica registrado de alguma forma no corpo, seja material ou imaterial. Os rastros, no caso de andar_ilhagem, são os vestígios dos acontecimentos. É possível que os rastros tenham o poder de reverberar novas experiências e entendimentos. Cada ponto de vista, portanto, é uma continuação da procedência andar_ilha, porque ela não se finda enquanto acontecimento. As narrativas muitas vezes podem ganhar sentido somente após a experiência do acontecimento, pois quando se está em estado 'criativo', o corpo tende a deixar-se mover mais pelo sentir do fluxo do que pela racionalização.

Ao revisitar algumas experiências, traz-se para este trabalho alguns registros de andar_ilhagens que ocorreram em momentos diferentes. Entre o que já aconteceu e o que hoje pode-se notar, reconhece-se que as conotações não estão presas ao instante dos acontecimentos. As narrativas são transitórias. As imagens aqui dispostas, são escritas visuais que atravessam o tempo, assim como as anotações, os vídeos e os áudios que foram feitos. Os rastros a serem vistos e visitados, servem tanto de ferramentas de estudo para se entender o modo de proceder que vem sendo realizado, como também para criar outras narrativas.

De quem é a rua?

> Pelas ruas, encontro em frente a uma casa em reforma, alguns pedaços de cal. Pego alguns e escrevo no chão na parte asfaltada: "A rua é viva" e "A rua é de quem?". Passa um menino de nome Manoel, morador daquela rua e questiona o que estou fazendo. Após a explicação do meu interesse em saber de quem é a rua, ele pede o cal para escrever uma resposta para minha pergunta e escreve: "todo mundo". Após esse momento, seguimos em caminhada procurando mais lugares onde era possível escrever com o cal e fizemos mais perguntas e frases aleatórias sobre o tema rua. Enquanto andar_ilhamos juntos, outras crianças chegaram para participar da 'brincadeira', o que rendeu até o anoitecer. (Silva, 2016, Diário de bordo)

Figura 17 – Andar_ilhagem

Fonte: Acervo pessoal
Pesquisa pelo bairro Castelo Branco

Cata coisa por aí

> Um grupo de pessoas que participa da oficina "Errar no limiar: exploração por entre as águas de Parayba"[9], sai em deriva por algumas horas, começando em deslocamento de trem de João Pessoa à Cabedelo. Ao chegarmos em um estação, saímos em caminhada em direção ao rio e ao mar. Nesse trajeto por entre terrenos baldios e privados, pela linha ferroviária, BR e ruas, encontro em lugares distintos, alguns objetos que carrego comigo. Os objetos são: uma carcaça de TV, um saco de lixo e um pedaço de pau. A relação com esses três objetos se dá à medida que a deriva acontece e, ao mesmo tempo, exploro os lugares e as possibilidades de ocupá-los, ora interagindo sozinha ora em diálogo com as outras pessoas do grupo. (Silva, 2016, Diário de bordo)

[9] Oficina realizada no Seminário Internacil Urbicentros 5 na cidade de João Pessoa – PB, em 2016, proposta por Francesco Careri e Emanuela di Felice, tendo o grupo Radar 1 convidado.

Figura 18 – Andar_ilhagem

Fonte: Registro Milena Medeiros
Durante a oficina "Errar no limiar: exploração por entre as águas de Parayba"

Manifesta

> Utilizando uma máscara de algodão cru, com alguns buracos na parte frontal, fui para a manifestação contra o golpe, que acontecia no centro da cidade de João Pessoa. Interagi com as pessoas realizando ações, propondo estados de alerta e provocando jogos de ação e reação. Ocupei os espaços das ruas, das calçadas, da frente das lojas, criando dinâmicas de diálogo entre caminhadas e pausas. Eu caminhava dentro do caminhar e o exercício de compor era afetado a todo instante, pelo próprio contexto. (Silva, Mikaelle da Costa, 2016, Diário de bordo)

Figura 45 – Andar_ilhagem

Fonte: Registros de Milena Medeiros
Em manifestação contra o impeachment

À beira do caos

> Saio de casa (no bairro Castelo Branco) vestida de blusa vermelha, chapéu de palha grande, bermuda, óculos, tênis e mochila nas costas, em caminhada pelo acostamento da BR 230. No percurso encontro uma carcaça de cadeira e um pneu velho e coloco-os no meu corpo e sigo em caminhada, investindo em diferentes maneiras de carregá-los, o que provoca algumas interações dos motoristas que passam. Tanto a BR quanto a avenida estão lotadas de veículos que passam por todos os lados. Encontro um espaço 'vazio' coberto por matos e lixo e instalo a carcaça da cadeira na beira da pista e por cima da cadeira, o chapéu e a mochila. Enquanto isso, os carros que passam em alta velocidade, mal percebem aquela instalação. Ao voltar para o bairro, me amparo na sombra da parada de ônibus, sentada sobre a cadeira e o pneu. Nesse momento, peço para uma mulher que espera o ônibus, que tire uma fotografia minha. (Silva, Mikaelle da Costa, 2016, Diário de bordo)

Figura 46 – Andar_ilhagem

Fonte: Acervo pessoal
Pesquisa pelo bairro Castelo Branco, BR 230 e Avenida D. Pedro II

Camuflagem

> Explorando os lugares em frente à entrada dos prédios de Artes da UFPB, experimentei possibilidades de me encaixar e camuflar com as coisas da rua (objetos, paredes, calçadas, placas, postes, etc.). Em um pequeno percurso foram possíveis criar algumas ações, como: esconder-se por trás de placas, fazer sinais de direção para os carros, derreter em uma parede azul, abraçar postes, sinaleiros e paredes, sentar no meio fio do girador e observar o fluxo dos carros. Não houve nenhuma participação relevante de outras pessoas presentes. (Silva, 2018, Diário de bordo)

Figura 47 – Andar_ilhagem

Fonte: Registros Hugo Lucena
Pesquisa na entrada do Centro de Comunicação, Turismo e Artes da UFPB

CIU em andar_ilhagem

> Em um domingo no fim de tarde, eu e Mariana Uchôa saímos em caminhada até a passarela que interliga a comunidade São Rafael à parada de ônibus em frente ao IBAMA. Dentro da passarela observamos o som da natureza que vinha da mata e do rio Jaguaribe. Dançamos, corremos e subimos no teto e desfilamos de uma ponta a outra. Passamos aproximadamente 4h investigando diferentes corporalidades e possibilidades de interação com o espaço e com a paisagem, que é composta pela avenida D. Pedro II, o rio Jaguaribe, a Mata da Buraquinha, a comunidade São Rafael e os prédios dos bairros Cabo Branco e Miramar. (Silva, 2018, Diário de bordo)

Figura 22 – Andar_ilhagem

Fonte: Registros Mariana Uchôa
Pesquisa pela Avenida D. Pedro II

Percurso para atravessamentos sensíveis

> Durante a pesquisa "Rastros da\na paisagem urbana" do PIBIC, entre muitos espaços da cidade, escolhi passar dois meses, andar_ilhando pelo menos duas vezes por semana na comunidade São Rafael e na Av D. Pedro II. Às vezes levava um pandeiro, lã, fita demarcadora, giz de cera, papel e caneta colorida e criava ambientes de interação fazendo música, mensagens e instalações. Nesse período, investigava modos de me relacionar com a comunidade e com a Natureza ali presente. Algumas vezes, crianças da comunidade participavam das andar_ilhagens, propondo brincadeiras e interação com os espaços. Brincamos na beira do rio, na pracinha, entre as ruas da comunidade e principalmente dentro da passarela. A passarela se tornou uma espécie de observatório e ponto de encontro, onde foi possível criar algumas instalações e percursos performáticos, que tinha o intuito de convidar as pessoas que passavam por ali, a apreciarem a vista e refletirem sobre a paisagem. (Silva, 2019, Diário de bordo)

Figura 23 – Andar_ilhagem

Fonte: Acervo pessoal
Pesquisa pelo Projeto de Iniciação à Pesquisa (PIBIC), "Rastros na\da paisagem urbana", pela comunidade São Rafael e na passarela da Av. D. Pedro II

Observatório para a grandeza das coisas do ínfimo

Finalização do Projeto “Rastros da\na paisagem urbana”, em 2019. Foi realizado um percurso performático com a presença de alguns integrantes do Radar 1 e outros artistas. O percurso começou no ponto de encontro em frente à Escola Estadual João Gulart, no bairro Castelo Branco, de lá seguimos pela BR 230 que interliga João Pessoa e Cabedelo em direção à Comunidade São Rafael. Eu caminhava com flores nas mãos. Enquanto seguíamos pela comunidade, conversávamos sobre a sua história e eu contava sobre as crianças que conheci e das experiências que vivi nos últimos dois meses. Chegamos à beira do rio Jaguaribe e ficamos apreciando o que ainda resta de rio e conversamos sobre o seu percurso que atravessa João Pessoa. Também falamos sobre como a comunidade cresceu ali em volta. Joguei as flores no rio e as distribuí para que as demais pessoas também jogassem. Observamos um pouco o percurso das flores seguindo o fluxo da água, junto com o lixo e com o mato que também estavam presentes ali. Em seguida, caminhamos até o “Observatório para a grandeza das coisas do ínfimo”, que era a passarela que interliga a comunidade ao outro lado da avenida. Na entrada da passarela, colei o cartaz com o nome que nomeei à passarela e expliquei que seguiríamos por ali, observando a paisagem que se forma do lado de fora. Enquanto caminhávamos por dentro da passarela, fui soltando um único fio roxo de lã, que simbolizava a cor do feminino, que também estava combinando com a roupa que eu usava (uma blusa bege com um desenho de uma mulher parindo uma flor e uma bermuda roxa). Esse fio foi prendido na entrada até a saída do outro lado. Da bolsa tirei uma garrafinha com água do rio Jaguaribe e joguei essa água na subida da passarela para que ela escorresse e caísse novamente no rio que corria embaixo da passarela. Quando chegamos ao meio da passarela, subi nas grades em frente ao pôr do sol e de olhos fechados recebi a luz no rosto. Também desfilei e corri de um lado a outro até em um determinado ponto onde parei em frente à mata e sentada no chão, cantei, toqueie dancei ao mesmo tempo, saudando a presença dela ali. Após isso, fui até a ‘saída’ do Observatório e deixei o resto da lã do lado de fora. Voltei correndo para o meio da passarela e rapidamente escalei as grades e atravessei para o teto pelo lado de fora. Convidei as pessoas e algumas subiram também. Lá em cima, apreciamos a paisagem, a altura e o pôr do sol. Retirei uma placa que havia escondido atrás das árvores que saem da mata e se encostam na passarela e andei no teto até o meio com ela erguida no alto. Lucas também sentiu vontade de segurá-la. Ficamos alguns minutos lá em cima e de lá voltamos para onde havíamos entrado, nesse momento, uma das crianças que sempre estava comigo em outros momentos que estive andar_ilhando, apareceu e nos acompanhou. Por fim, recitei o poema “O catador” de Manoel de Barros e saudei todas as presenças que estavam ali comigo e ao lugar, pelos ensinamentos e trocas compartilhadas. (Silva, 2019, Diário de bordo).

Figura 24 - “Observatório para a grandezas das coisas do ínfimo”

Fonte: Registros Hyago de Brito
Apresentação de performance como finalização do PIBIC

Distâncias para aproximar em tempos de pandemia

> Essa foi uma das únicas andar_ihagens registradas deste ano. Nesse dia, acompanhada do amigo, ator, encenador e educador Hugo Lucena, andar_ilhamos primeiramente por dentro do bairro Castelo Branco onde moramos, até à comunidade Santa Clara. De lá, seguimos o cano de esgoto que cerca toda a comunidade até o seu final, que termina no rio Jaguaribe. Nesse percurso encontramos algumas crianças, um pedaço de mata, muitos sacos enormes de materiais recicláveis e muito lixo. Entre essas coisas, peguei uma carcaça de TV e pus sobre os ombros com o rosto a mostra pelo buraco onde normalmente sai a imagem quando ela está ligada. Seguimos pelo acostamento da BR 230, dançando com o espaço que era cercado de muitos carros de um lado e do outro, umbambuzal. Hugo e eu reversávamos em levar a carcaça e fazer os registros. Já na Av. Beira Rios, caminhamos até uma casa demolida e eu dancei em cima das ruínas. Seguimos até o Castelo Branco, interagindo e ocupando os espaços de formas inusitadas (pendurando-se na ponte, descendo a ladeira de costas, dançando sobre as pedras, etc). (Silva, Mikaelle da Costa, 2020, Diário de bordo)

Figura 25 – Andar_ilhagem

Fonte: Registros Hugo Lucena
Pesquisa pela comunidade Santa Clara, BR 230 e Avenida Beira Rio

3.3 RASTROS DOS RASTROS

É possível reparar nessas andar_ilhagens, que as composições são, em sua maioria, ações que contrariam o movimento comum da cidade. O que provoca muito estranhamento nas pessoas presentes.

> À arte caberia a incumbência de fazer o convite, de dizer a que veio, mas também de dar-se ao estranhamento, captar os fluxos e subverte-los em favor da invenção, ao assumir sua existência em um terreno movediço que a desafia constantemente. (Duenha, 2016, p.168)

O estranhamento na perspectiva da andar_ilhagem, tem a ver com a possibilidade de aproximar, de afetar, causar algum tipo de diálogo e reflexão sobre a própria cidade, mesmo que seja um estranhamento de negação, pois o próprio posicionamento contrário faz com que a pessoa esteja questionando suas próprias crenças e tudo aquilo que lhe molda a pensar de tal maneira. Um fato curioso e recorrente nesse processo pessoal de andar_ilhagem, é que amaioria das composições coletivas foram feitas com crianças e pessoas em situação de rua. E essa percepção gerou algumas reflexões sobre como os indivíduos se sentem em relação ao próprio coletivo e como os comportamentos padronizados, muitas vezes impedem a liberdade de expressão. Nesse sentido, as relações entre os indivíduos tendem a influenciar no movimento da cidade e a cidade também, como coletivo, está a todo momento influenciando na individualidade das pessoas, pois “corpo e ambiente interagem em processos co- evolutivos” (Camboim, 2015, p. 28). Do ponto de vista do Andar_Ilhar, essa fundição tem sido uma ponte para a composição, onde se observa o comportamento da cidade, que são também, as relações que cada indivíduo estabelece em coletivo.

Caminhar pelas ruas e conhecer a cidade tornou-se uma prática de sensibilização e conscientização do contexto urbano e ao mesmo tempo um despertar, que com o tempo, passou a ser a porta de entrada para as criações artísticas. Ao longo dos percursos, sentindo tudo que vinha à tona no corpo, diante das experiências caminhantes, surgiu a necessidade do diálogo. O corpo carregado de experiências, torna-se também um provocador de novas práticas e afetações. Os rastros deixados demarcam no espaço-tempo tentativas de aproximações com o outro e indicam uma nova tática de relação com o meio.

A qualidade da presença que se percebe em andar_ilhagem, apontam que as possibilidades de se colocar enquanto corpo artístico em meio a realidade de uma cidade, exige sempre que se esteja exercitando a retomada de si e a auto reflexão perante os acontecimentos que surgem, porque a composição não está limitada a um modo de pensar e nem a um interesse particular, o diálogo só acontece se haver escuta e acolhimento durante os encontros. Quem

compõe na cidade não cria só, pois, está a todo momento lidando com verdades outras e modos de vida distintos, mesmo que ainda assim premedite suas ações. No caso da andar_ilhagem é ainda mais impossível se fechar em um mundo particular, porque a própria natureza de proceder em improvisação, requer atenção e flexibilidade a todo instante. O diálogo é o que mais interessa e por assim dizer, são as conexões possíveis com o contexto que direcionam os rumos da criação.

Cada andar_ilhagem realizada, um rastro que vai no corpo, um rastro que fica na cidade, apontando possibilidades híbridas de estabelecer diálogos. Os rastros são as pistas, os vestígios das experiências que tanto evidenciam assuntos da cidade como da materialidade da composição. Um jogo de afetação mútua que surge do envolvimento do corpo no espaço em deslocamentos, em que as narrativas são construídas a partir dessas relações. Cada lugar, cadapessoa e cada coisa como estão e como são, são matérias de inspiração. A capacidade do corpo andarilho em reinventar-se e desestabilizar o comum, ativam não só novas corporalidades, como também a imaginação e a criatividade pelo sensível, pelo ridículo, pelo estranhamento ou, como menciona a autora Caballero (2011), são gestos extracotidianos que podem desautomatizar as gesticulações políticas comuns. Entre tantas afetações e percepções, as andar_ilhagens têm permitido que: seja possível se colocar em situações novas, seja possível dizer sobre a realidade de outros modos, seja possível refazer as próprias narrativas imagéticas a partir das experiências, seja possível ainda fazer atos transformadores.

4 CONCLUSÃO (CAMINHOS)

Inspirações de uma alma andarilha, desprendida e sem território demarcado, não segue caminhos dados, segue rastros invisíveis aos olhos de quem está limitado a ver somente com a visão de sempre. Quem andar_ilha, repara fora da caixinha, foge sem saber, de tudo que lhe prende e por estar consciente do mundo em volta, cria suas próprias formas de ser e estar. Age naturalmente e muitas vezes sem perceber, contra os pensamentos hegemônicos do próprio corpo. Esses seres nômades são doutores de muitas ciências e com eles tem-se aprendido sobre a grandeza das coisas ínfimas. Essa absorção da natureza andar_ilha foi um encontro íntimo com uma força interior, que parece habitar desde sempre o corpo desejoso por conhecer outros cantos.

O que mais é possível fazer? Por onde seguir em busca de novos entendimentos? O que há de relevante nisso de criar com e na cidade? Talvez (ainda) não seja possível chegar a uma conclusão que diga de resultados ou conquistas. As pretensões foram muitas e elas seguem se modificando a cada novo encontro. Toda ilha construída, foram instantes de percepção que não indicam outra coisa a não ser a busca por sentidos que inspirassem o continuar. A condição de quem andar_ilha é um modo de estar que não torna o ser provido de razões e nem entendimentos concluídos, porque ele é sempre um estrangeiro em qualquer lugar. Porém, as suas cheganças e partidas hão sempre de ser motivadas pelo interesse em conhecer. A responsabilidade de quem andar_ilha no entre desse vai e vem, está na sua auto percepção de incompletude e no exercício da empatia como ferramenta de passagem por qualquer lugar.

A busca por uma justificativa que diga sobre o interesse em fazer um tipo de arte que se aproxime cada vez mais da realidade cotidiana e que gere algum tipo de transformação, está pautada em interesses coletivos, também na percepção da própria realidade em que se percebe, bem como nas influências, que ao logo desse tempo-andarilho, guiaram os caminhos. Buscar e seguir buscando razões é o principal elemento que compõe a ideia de Andar_Ilhar. Enquanto pesquisa acadêmica, vê-se no desafio de exprimir um discurso relevante para o campo das artes, uma possibilidade de aproximar as linguagens artísticas etambém aproximar outras áreas de conhecimento, em que se possa pensar na criação como elo de (re)invenção de oportunidades e de transformação para além da academia.

As escolhas dos caminhos têm sido motivadas pelos questionamentos, os quais têm surgido ao longo dos andar_ilhamentos, talvez por causa da própria natureza errante de se lançar em descobertas. E a cidade em si, percebida como recorte de um espaço-tempo, que revelam

entre tantas realidades, a de um contexto atual carregado de muitas urgências sociais, culturas, políticas e afetivas, também trazem ao corpo a necessidade de intervir, de se engajar e de alguma forma, fazer vínculos. Por mais pequenos e efêmeros que sejam esses vínculos, que são os diálogos sensíveis, acredita-se que essa é uma oportunidade de diluir as ideias hierárquicas de pertencimento, que o sistema capitalista induz ao coletivo para controla-lo. Nesse ponto, ao relacionar os estudos acadêmicos das percepções sensíveis e subjetivas das experiências andar_ilhas, percebe-se que o embasamento teórico é na realidade, uma tentativa de dar conta de todos os atravessamentos que aconteceram. Por isso, entende-se que haverá sempre a necessidade de reatualizar os estudos teóricos e difundir as experiências vividas para além de uma prática que se basta em si só.

Enquanto procedimento, o corpo que andar_ilha tende a (com)(por) movimentos contrários à normalidade de si próprio e de outros corpos, interessado principalmente nas urgências e nas fragilidades dos acontecimentos. O diálogo sensível nesse caso, está na capacidade de se resolver as situações com fluidez e responsabilidade. Por isso, é preciso estar minimamente refletindo sobre as relações, como elas se estabelecem, bem como, se estar atento(a) às situações dos contextos. O corpo que assume uma postura andar_ilha nesse caso, está sujeito a relocar seus interesses, em virtude da vulnerabilidade às incertezas dos encontros e também, por se estar sujeito(a) a ser ferramenta de transformação. Enquanto prática artística que a todo instante se reconfigura como procedimento, Anda_Ilhar é uma narrativa transitória, que se inspira e se alimenta do que encontra.

Sem a necessidade de assumir a ideia de um artivismo ou qualquer nomenclatura sobre o fazer artístico aqui descrito, o que mais importa dizer é que os atravessamentos afetivos que aconteceram nos encontros, trouxeram à tona realidades novas e por isso, o interesse por continuar atravessando as fronteiras de conhecimentos e de territórios. Até aqui, é possível perceber que a natureza instável de andar_ilhagem tem proporcionado questionamentos relevantes sobre o papel da arte na construção do pensamento coletivo e ao mesmo tempo, propõe-se a pensar na criação artística como possibilidade de transformação.

Nas entrelinhas deste trabalho, os rastros que ficam são indícios de uma pesquisa que se desloca em questionamentos, porque os sentidos que norteiam cada passo dado até aqui, transitam junto dos desejos e das necessidades. Artisticamente, os entendimentos estão para o agora assim como os caminhos estão para os encontros: haverá sempre algo novo a se entender e mover. Quais serão os próximos passos?

Caminhos abertos _ _ _

REFERÊNCIAS

ALICE, Tania. **Diluição das fronteiras entre linguagens artísticas:** a performance como (r)evolução dos afetos. [*S. l.*]: Palco, 2014. Disponível em: https://doczz.com.br/doc/746782/dilui%C3%A7%C3%A3o-das-fronteiras-entre-linguagens-art%C3%ADsticas. Acesso em: 29 jul. 2020.

BARROS, Manoel de. **Poesias completas**. Salvador: LeYa, 2013.

BRITTO, Fabiana Dultra; JACQUES, Paola Berenstein. **Corpocidade:** debates, ações earticulações. Salvador: EDUFBA, 2010.

CABALLERO, Ilena Diéguez. **Cenários Liminares:** teatralidades, performances e política. Tradução de Luis Alberto Alonso e Angela Reis. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CAMBOIM, Iale. **Dançar [com] a cidade:** mapeamentos sensíveis da experiência urbana contemporânea. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Universidade Federal da Paraíba (UFPB), João Pessoa, 2017.

DUENHA, Milene Lopes; CAMPOS, C. L. J. A potência transformativa dos encontros: eficácia e presença partilhada em territórios movediços da arte. **MORINGA - Artes do Espetáculo**, [*S. l.*], v. 8, n. 1, 2017. Disponível em: https://periodicos.ufpb.br/index.php/moringa/article/view/34861. Acesso em: 12 dez. 2020.

DUENHA, Milene Lopes. Presença e afeto na experiência do encontro na arte: quando não sepode prever seus efeitos. **Revista Aspas**, São Paulo, v. 6, n. 1, p. 162-176, 2016.

DUENHA, Milene Lopes; NUNES, Sandra Meyer. Presença que não se faz só: potências de afeto no ato de com-por entre corpos. **Revista Brasileira de Estudos da Presença**, Florianópolis, v. 7, n. 1, p.99-122, 2017.

ENNES, Marílias; ROMANI JÚNIOR, Moacir. **Caminhar como prática do não-saber:** uma reflexão sobre des-com-passos cotidianos. São Paulo: Unicamp, 2019. Disponível em: https://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/simpac/article/view/4400/4404. Acesso em: 18 fev. 2021.

JACQUES, Paola Berenstein. **Elogio aos errantes**. Salvador: EDUFBA, 2012.

MARTINS, Marcos. **O caminhar como prática artística de intervir no espaço urbano**. Salvador: Anpap, 2009. Disponível em: http://anpap.org.br/anais/2009/pdf/cpa/marcos_paulo_martins_de_freitas.pdf. Acesso em: 16 fev. 2021.

MARQUES, Diego. Errantes, erráticos, errabundo: performador como errante urbano, performance como errância urbana. **Conceição**, Campinas, v.3, n.2, p. 63-74, 2014.

MORAIS, Líria de Araújo. **Corpomapa**: o dançarino e o lugar na composição situada. 2015. Tese (Doutorado em Artes Cênicas) - Escola de Teatro e Dança, Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador, 2015.

PAES, Brígida Moura Campbell. **Arte para uma cidade sensível:** arte como gatilho sensível para a produção de novos imaginários. 2018. Tese (Doutorado em ArtesVisuais) - Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, 2018.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. **Para uma nova crítica da razão colonial**. São Paulo: Ruptura e reencanto, 2021.